



De vento em popa — como sustentar o forte crescimento na América Latina

28 de maio de 2013

Por Sebastián Sosa, Evridiki Tsounta e Hye Sun Kim

A América Latina registrou crescimento vigoroso na [última década](#), com médias anuais de 4½%, frente a 2¾% nas décadas de 1980 e 1990. O que explica esse desempenho econômico extraordinário? Esse crescimento será sustentável nos próximos anos?

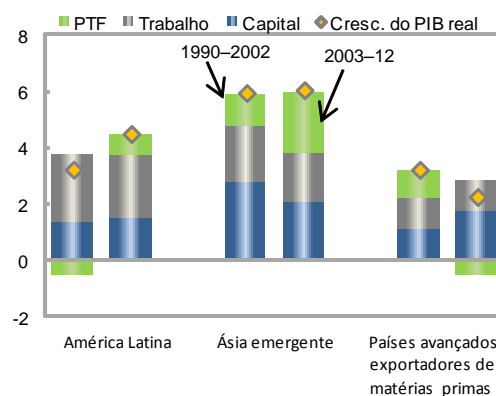
Em nosso [estudo recente](#) (ver também nosso [working paper](#)) examinamos os fatores do lado da oferta que impulsionam o crescimento de um grande grupo de países latino-americanos, a fim de identificar o que está por trás do forte desempenho do produto observado nos últimos tempos.

Fatores de crescimento do lado da oferta

A expansão do emprego e o acúmulo de capital, como por exemplo na forma de edifícios e maquinário, continuam a ser os principais impulsores do crescimento na América Latina. Juntos, respondem por 3¾ pontos percentuais do crescimento anual do PIB em 2003–12, em comparação a ¾ pontos percentuais atribuídos a melhorias na eficiência dos insumos de produção (trabalho e capital), ou o que os economistas costumam chamar de produtividade total dos fatores (gráfico 1). O emprego apresentou crescimento vigoroso na última década e muitos países estão a beneficiar de taxas de desemprego historicamente baixas. O investimento em capital físico também teve crescimento constante em vista das condições favoráveis de financiamento externo e dos preços elevados das matérias primas.

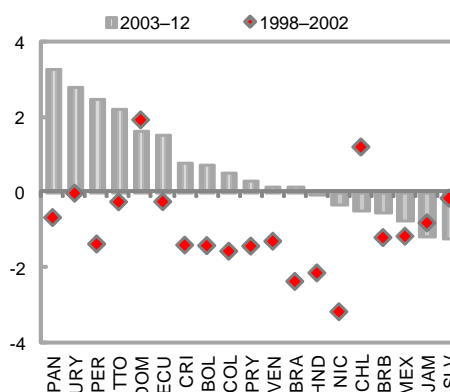
Embora o acúmulo dos fatores continue a ser o principal motor do crescimento, a retomada recente deve-se sobretudo à maior produtividade total dos fatores (gráfico 1). Após recuar em quase toda a região nas últimas décadas, a produtividade total dos fatores está em ascensão (gráfico 2). Trata-se de uma evolução típica durante períodos de prosperidade econômica, tal como

Gráfico 1. Contribuição para o crescimento do PIB real (Média anual, porcentagem)¹



Fontes: Banco Mundial, *World Development Indicators*; FMI, *World Economic Outlook*; Organização Internacional do Trabalho; Penn World Table 7.1; e cálculos do corpo técnico do FMI.
¹ Média simples dos países de cada grupo.

Gráfico 2. Produtividade total dos fatores (Média anual, porcentagem)



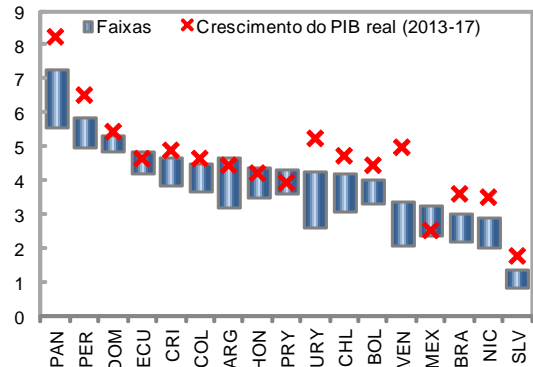
Fontes: Barro-Lee (2010); FMI *World Economic Outlook*; Penn World Table 7.1; e cálculos do corpo técnico do FMI.

esta que a região está vivendo hoje — isto é, há uma estreita correlação entre as variações da produtividade e a variação do produto. Mas as melhorias na produtividade total dos fatores também refletem alguns fatores estruturais (permanentes), entre eles um certo enfraquecimento da atividade econômica no setor informal na América Latina, uma vez que a produtividade tende a ser maior no setor formal.

É pouco provável que o recente crescimento vigoroso perdure

Nossa análise indica que será mais difícil sustentar as elevadas taxas de crescimento dos últimos tempos. Embora, na média, a região tenha crescido 4½% em 2003–12, nossas estimativas apontam para uma taxa média de crescimento potencial do PIB em 2013–17 mais próxima de 3¼%. De fato, o forte crescimento observado nos últimos anos superou as faixas de crescimento potencial do PIB na maioria dos países (gráfico 3). As faixas do produto potencial variam muito entre os países, pois em geral refletem diferentes tendências de envelhecimento da população, taxas de participação na força de trabalho, poupança e investimento em capital físico e humano, dotação de recursos naturais e desempenho em termos de produtividade, entre outras características nacionais.

Gráfico 3. Faixas da taxa de crescimento do produto potencial (2013–17)
(Média anual, porcentagem)



Fontes: FMI, *World Economic Outlook*; Penn World Table 7.1; base de dados de projeções populacionais da ONU; e cálculos do corpo técnico do FMI.

O que nos leva a presumir um crescimento do produto mais lento nos próximos anos? Primeiro, nossa expectativa é de relativa moderação da expansão do capital físico, à medida que as baixas taxas de juros mundiais que facilitaram o grande afluxo de capital para a região começam a subir e que os preços das matérias primas estabilizam. Além disso, é provável que a contribuição da mão de obra seja limitada nos próximos anos por alguns fatores naturais, tais como o envelhecimento da população, a margem limitada de novos aumentos das taxas de participação na mão de obra (inclusive das mulheres) e os atuais níveis historicamente baixos de desemprego, que impediriam o forte crescimento do emprego no futuro.

O papel decisivo do aumento da produtividade

Portanto, o forte ímpeto de crescimento da região dificilmente será sustentável, a menos que haja um salto do acúmulo de capital (apoiado, por exemplo, por taxas mais elevadas de poupança, que ainda são muito baixas na região), um aumento expressivo do capital humano (há ampla margem para melhorias na qualidade do ensino) ou melhorias significativas na produtividade total dos fatores. De fato, a despeito das melhorias recentes, o desempenho da produtividade total dos fatores ainda é fraco em comparação à Ásia emergente, o que explica a maior parte do diferencial de crescimento entre ambas as regiões. Por conseguinte, o estímulo ao crescimento da produtividade ainda é um dos principais desafios e prioridades para a América Latina.

As causas da baixa produtividade na região são numerosas e variadas, e não é fácil formular um programa de políticas para estimular seu crescimento. As autoridades devem ter como meta políticas que contribuam para reduzir as distorções na alocação de recursos, o que em geral exige medidas especialmente adaptadas para cada país.

Algumas das opções a considerar são: melhorar o clima de negócios e promover a concorrência; reforçar os regulamentos de entrada e saída para facilitar a realocação de recursos para setores novos e de alta produtividade; modernizar a infraestrutura; promover mercados financeiros mais profundos e mais eficientes; estimular a pesquisa, o desenvolvimento e a inovação; e fortalecer as instituições para garantir os direitos de propriedade e erradicar a corrupção.

Sebastián Sosa é economista do Fundo Monetário Internacional (FMI) desde 2006. Trabalha na Divisão de Estudos Regionais do Departamento do Hemisfério Ocidental do FMI, tendo como foco questões macroeconômicas na América Latina. Também já participou de equipes encarregadas de Bolívia, México, Uruguai e Líbano. Antes de ingressar no FMI, foi professor de macroeconomia na Universidade da República e pesquisador do CERES (Centro de Estudos da Realidade Econômica e Social), ambos no Uruguai.

Evrídiki Tsounta é economista da Divisão de Estudos Regionais do Departamento do Hemisfério Ocidental do FMI. No FMI, já trabalhou nas equipes encarregadas do Canadá e dos Estados Unidos, tendo publicado estudos sobre habitação e questões trabalhistas.

Hye Sun (Marie) Kim é assistente de pesquisa da Divisão de Estudos Regionais do Departamento do Hemisfério Ocidental do FMI. No FMI, já tratou de questões macroeconômicas regionais ligadas à América Latina e à Ásia e participou das equipes encarregadas de Bangladesh e da República Democrática Popular do Laos. Também trabalhou em temas ligados ao setor financeiro, com foco nos mercados emergentes.